2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 30. QUINTA FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

PREMIOS DA EXPOSIÇÃO DE 1849.

336 Domingo ultimo, pela uma hora da tarde, na sala do Tribunal do Commercio, Sua Magestade El-Rei dignou-se entregar aos expositores, premiados pelo respectivo jury, as medalhas que a Sociedade Promotora da Industria Nacional destinou para premiar os progressos importantes, e vantajosos melhoramentos da nossa industria, já tão florescente, ainda nos primeiros annos do seu desenvolvimento.

É digna da elevada intelligencia de El-Rei e do seu amor pelo paiz, que adoptou como patria, a resolução de com a sua augusta presença animar as esperanças dos que acreditam na industria, como em um meio verdadeiramente regenerador, para consolidar a prosperidade da nação.

Neste facto Sua Magestade deu mais uma prova do interesse que sempre tem manifestado pela industria nacional, e que prova sempre que a occasião se lhe appresenta.

As medalhas foram distribuidas pela seguinte fórma.

Em artes mechanicas.

Fabrica de fundição de metaes — dos Sr. José Pedro Collares & Filhos.

Dita de fundição de metaes — do Sr. Henrique Peters.

Dita de cutelaria do Sr. Antonio Policarpo.

Em tecidos.

Fabrica de fiação e tecidos — de Torres Novas.

Dita de lanificios ao Calvario — dos Srs. Bernardo Daupias & Comp.ª

Dita de lanificios em Alemquer — do Sr. P. A. Lafaurie.

Dita de fiação e tecidos de algodão lisbonense.

Dita de lanificios em Portalegre — dos Srs. Larcher & Cunhados.

Em artes chimicas.

Fabrica de refinação de assucar a Santo Amaro — da Sr.ª Viuva Ferreira Pinto & Filhos.

Dita de estamparia — dos Srs. Rodrigues Barros & Comp.ª, na rua da Fabrica da Polvora em Alcantara.

Dita de estamparia em Rio de Moiro — do Sr. Filippe José da Luz.

Vinho Muscatel de Setubal — do Sr. José Maria da Fonseca.

O Sr. Visconde da Carreira, vice-presidente da Sociedade Promotora, agradeceu, assim que se avistou com Sua Magestade, a honra que a Sociedade recebia nesse dia, dizendo a El-Rei: —

Senhor! A Sociedade Promotora da Industria Nacional encarrega-me de agradecer a V. M. a honra e mercê que lhe faz, vindo hoje exalçar, com Sua Augusta Presença, o acto mais solemne e directo das attribuições da mesma Sociedade, e augmentar infinitamente o valor dos premios que ella confere á nossa nascente industria fabril, Dignando-Se distribui-los por sua Regia Mão. São poucos, é verdade, estes premios, e não chegam ao numero dos merecidos, porém limitada pela escacez dos seus meios, a Sociedade viu-se com muito pesar seu obrigada a restringir-se aos doze laureados propostos com a mais severa imparcialidade pelo jurado encarregado desta difficil tarefa. Assim mesmo, Senhor, se considerarmos que na primeira exposição da industria franceza em 1798, o numero dos premiados foi de 23, e que 41 annos depois, em 1839, aquelle numero subiu a 2305, não deveremos nem envergonhar-nos nem desanimar. A Sociedade procura quanto em si cabe estimular o zelo dos nossos benemeritos fabricantes e artistas, e coadjuvar a mais efficaz protecção do Governo, sem a qual a industria fabril não póde crear-se nem arraigar-se em paiz algum, como bem o prova a experiencia das nações que nos precederam nesta carreira: mas esta protecção para ser verdadeiramente util e proveitosa, deve

ser judiciosa, e não como até agora indiscriminada — moderada e não exorbitante, — variavel e não cegamente fixa, pois só assim se evitam os males e embaraços que produz fatalmente um systema absoluto de protecção indiscreta e inflexivel, e se póde chegar suavemente ao gráu de riqueza e prosperidade que só se obtem pelo concurso simultaneo de todas as industrias, de todas as forças productivas da nação. Então poderemos nós adoptar tambem, sem damno nem prejuizo, o grande principio da liberdade absoluta de commercio, que só é verdadeiro em perfeita egualdade de circumstancias. Senhor, a Industria Fabril é o unico antidoto efficaz da emigração, o meio salutar de reter na propria terra a gente, que só se expatria quando lhe faltam os meios de ganhar a sua subsistencia no paiz em que nasceu. A Industria Fabril conseguintemente produz o augmento da população, o augmento da riqueza, o augmento consequente da agricultura, e só pelo concurso simultaneo destes tres elementos da prosperidade, poderemos recuperar a importancia e consideração politica que nos deve competir pela admiravel fertilidade do nosso solo, pela bondade do nosso clima, pela nossa vantajosa situação geographica, e pelos dotes que a natureza prodigalisou a esta briosa nação. Fundada com o unico intento de alcançar este importante fim, a Sociedade Promotora da Industria aNacional, confia que V. M. continnará a honra-la com a sua Real Protecção, e que por virtude della conseguirá o favor e a benevolencia que implora de S. M. *a* nossa Augusta Rainha e do seu Governo.

REDUCÇÃO NO DIREITO DA SEMENTE DO LINHO.

337 Somos partidarios da protecção, mas muitas vezes o temos dito — queremos a protecção racional. Como mais uma prova apoiaremos hoje, com o nosso fraco auxilio, o mui justo requerimento que se segue, e que ao Governo foi dirigido pelos proprietarios da fabrica de azeite de purgueira, do qual se deu vantajosa noticia em o n.º 25 do nosso jornal.

Temos presentes alguns esclarecimentos que fortemente apoiam tão justa reclamação.

É sabido que uma materia primeira para uso de fabrica só póde ser taxado com um direito muito modico. Vejamos com a incontestavel verdade dos algarismos o direito exorbitante que está pagando a semente do linho.

1847 — Importancia de um carregamento de semente de linhaça vindo de Odessa, com direitos, fretes, etc., rs.	19.270$765
1848 — Dito, Dito, Dito, Sicilia, rs.	8.926$574
1849 — Dito, Dito, Dito, S. Petersburgo, rs.	6 861$756
1850 — Dito, Dito, Dito, S. Petersburgo, rs.	10.592$899
Importancia de todos os carregamentos rs.	45.651$994

Produziu o oleo, pezo liquido, arrateis 392.977, ou almudes 12.280 ½.

Direitos pagos sobre estes carregamentos rs.	5.493$610
Custo primitivo da linhaça rs.	28.540$525

Com este argumento fica provado que, sem a reducção pedida, se não poderá sustentar no paiz o fabríco do azeite de purgueira.

Eis-aqui o requerimento em que se apresentam os factos devidamente avaliados.

SENHORA!

Dizem a Viuva Burnay e Filhos, que tendo estabelecido junto ao baluarte em Alcantara, uma fabrica para a extracção de azeite de semente de purgueira, tem os supplicantes na mesma feito extrahir o oleo da semente de linho, mandando vir já por differentes vezes por sua conta alguns carregamentos de linhaça de Odessa, de S. Petersburgo, e até de Sicilia, porém pelos ensaios e experiencias que teem feito, conhecem que não podem continuar com a extracção deste oleo, nem competir com o que é importado de Inglaterra para este reino, em attenção ao elevado direito de 100 réis por arroba, e competentes addiccionaes que paga por entrada a semente de linho, o que sem duvida é um direito demasiadamente excessivo, sobre uma materia prima, e que o paiz não produz a quantidade necessaria, mesmo para o consumo da pharmacia, como é bem publico e sabido de todos, tendo outro sim os supplicantes contra si os elevados fretes que teem de pagar aos navios que conduzem esta semente, por serem das nações que produzem a mesma semente, e para as quaes os navios portuguezes não costumam seguir viagens; tendo mais de exportarem os residuos ou adubos da mesma semente, depois de extrahido o oleo, para Inglaterra, e pagarem outro novo frete, e direitos de entrada, o que não acontece aos inglezes, que recebem a linhaça dos portos da Russia, em navios da sua nação, e consomem no paiz os adubos, e apenas exportam o oleo de que não precisam; tendo os fabricantes inglezes em seu favor um *dobrac* sobre o oleo que de suas fabricas exportarem para paizes estrangeiros.

Por tudo quanto os supplicantes deixam ponderado, elles não poderão continuar a promover este ramo de industria nacional, se o Governo de Vossa Magestade os não tomar debaixo de sua immediata protecção, mandando diminuir os direitos de entrada que actualmente paga a semente de linho, tanto quanto fôr compativel, para poderem competir com o oleo fabricado em Inglaterra, e que se importa neste reino. Os supplicantes teem mandado ultimamente um navio portuguez por sua conta a Alexandria, e Egypto, para receber um carregamento de semente de linho, e conduzil-o a este porto de Lisboa para a laboração de sua fabrica; e é por esta razão que: — P. a Vossa Magestade se digne deferir á sua supplica, mandando diminuir os direitos de entrada da supradita semente. a fim de já lhe approveitar este carregamento, para fixarem os seus calculos e verem se podem continuar a promover este ramo de industria, ou se o devem abandonar para sempre. — E. R. M. — Lisboa 27 de Março de 1851. — Viuva Burnay & Filhos.

CHARRUA PORTUGUEZA.

Publicando este artigo, em relação á charrua portugueza, explicitamente declaramos que, se esta questão houver de ser continuada, entendemos que deve ser seriamente tratada fóra do campo das allusões pessoaes. Por esta fórma, e segundo o plano que ha annos sustentamos neste jornal, teremos muita honra em franquear as suas columnas a qualquer questão, que se refira a pontos similhantes ao que se ventila entre os Srs. Vidal e Auffdiener.

337 *Sr. redactor.* — Bem contra minha vontade vou rogar a v., se digne dar logar no seu periodico a poucas reflexões, com o louvavel fim de desaggravar o meu *ignorado nome*, que o Sr. Auffdiener teve a deshumanidade de empurrar para o publico, estranhando a v. a honrosa menção que fizera de um artiguinho meu, estampado na REVISTA n.º 23.

Antes de entrar no assumpto, cumpre-me pagar a v. a divida de gratidão, pela delicadeza e favor, com que se houve na expressão de conceito do meu humilde escripto. Sim, Sr. redactor, penhora-me muito a declaração, com que v. quer honrar-me, de competente, e será o meu mais forte empenho merecer cada vez mais tão honroso titulo. V. entendeu, que as singellas expressões do professor de *Botanica philosophica*, do medico, e do agrologo, mereciam ser recebidas com favor: verei se o não deixo envergonhado.

Ainda uma declaração. Foi com grande surpresa, que vi publicado o meu artiguinho, feito ao correr da penna, e com tal precipitação, que por mui feliz me dei, de lhe não encontrar depois de impresso, erro de grammatica, de logica, ou de sciencia. Havia eu confiado aquellas poucas linhas a um bom amigo, que as queria para servirem de rotulo á nossa pobre charrua, com a patriotica intenção de envial-a para a Exposição de Londres. Não sou depreciador das nossas coisas, nem da nossa gente... nem escrevo o pronome *eu*, com letras maiusculas no meio do discurso.

Feitas estas declarações, que julguei de rigor, entro no assumpto. Ha de permittir-me o Sr. Auffdiener, que tome para a epigraphe do meu desaggravo o seguinte pensamento bucolico:

...não sou algum vaqueiro,
« Que viva de guardar alheio gado,
« De tosco trato, de expressões grosseiro.
(Marilia de Dirceo.)

Não deixarei á *subida* penetração do Sr. Auffdiener avaliar o alcance do texto, e declararei alto e bom som, que as condições (sem as quaes não) do nosso certame serão — urbanidade e sciencia. A sciencia deve appresentar-se pura, como Deus, donde dimana...

Mas como responder ao artigo no estilo do Sr. Auffdiener e de erudição esparralhada? (1) aqui é que bate o ponto da difficuldade. Sahir-me-hei della como podér, e não havendo remedio senão referir-me ao escriptor, que me insultou sem provocação, será uma dura necessidade, a que terei de sujeitar-me: fa-lo-hei: quando mais não seja, para mostrar que do agrologo ao lavrador ou foçador empyrico vai uma distancia incommensoravel para o espirito tacanho, e só comprehensivel para o homem transcendente.

O Sr. Auffdiener a contar-me historias e a dar-me lições! é galante coisa! redarguirei. A historia da Agrologia (comprehendendo a agricultura, a economia rural, e a veterenaria) desde Catão e Columella até Gasparin offerece o immenso deposito de sciencia positiva, que presta importantissimos auxilios, a quem sabe ler nella. Por ex. o Sr. Auffdiener falla-me no agiota d'aldeia.... e no da cidade? quer saber, como Catão avaliava o agiota? ahi vai. « *In legibus posuerunt, furem dupli condemnari, foeneratorem quadrupli. Quanto pejorem civem existimarent foeneratorem, quam furem, hinc licet existimari.* » Em portuguez: « Estabeleceram nas leis que o ladrão fosse condemnado no duplo, e o agiota no quadrupulo.

Daqui se vê, quanto o agiota era na sua opinião muito peior cidadão do que o ladrão » *Cat. De re rustica in princip.* Parecerá talvez ao Sr. Auffdiener esta citação aqui como Pilatos no credo?.. pois para o nosso caso vem muito a proposito, e tanto como o bello pensamento do nosso Byron portuguez, o inimitavel Garrett:

« E a qualquer solução, que lhe desponta
« No difficil problema, este se aggrega
« Corollario fatal! sem ceia.... »
(D. Branca 2.ª edição pag. 12.)

Sem ceia, Sr. Auffdiener, sem comer! este negro pensamento esvoaça na alma ao pobre povo, e o Sr. Auffdiener a gritar aqui del-rei contra a linguagem sincera, de quem deseja distinguir entre a charrua de luxo e a nossa charrua! Onde encontrará o Sr. Auffdiener uma só expressão minha, que se dirija a inculcar a charrua portugueza como a mais perfeita?

O Sr. Auffdiener estava certamente muito allucinado quando escreveu o seu artigo.

Para que não tenha de o repetir, direi por uma só vez, muito claro e conciso, que a charrua mais perfeita (do immenso arsenal das charruas de luxo... intende-se) não é nenhuma, das que o Sr. Auffdiener menciona, mas sim a de *Dufour* de relha dobrada, girando em torno de um eixo vertical: é tambem aquella, a que dá preferencia Gasparin, o mais competente dos escriptores agrologos actuaes, o reformador da agrologia, que a elevou á cathegoria de sciencia.

Já vê o Sr. Auffdiener, que lhe damos novidades cá de Coimbra, que será o que quizer, menos o local mais apropriado para as mais variadas operações agrologicas, para todas as culturas das plantas indigenas e exoticas do nosso afortunado solo, e de que resa a phytologia agricola. Não temos instituto agricola, temos apenas uma cadeira de agrologia, e o seu distincto professor poderia, se quizesse, dar ao Sr. Auffdiener muitas mais novidades. Tenha esta só como amostra.

Ora pois, Sr. Auffdiener, hade levar correcção com-

(1) É vocabulo de recentissima sancção litteraria — Vid. Garrett *Arco de Sant'Anna* t. 2.

pleta. O povo, o lavrador das botas grossas... no seu admiravel instincto, que já nos salvou por vezes, e espero em Deos nos hade ainda salvar... o povo intende melhor que ninguem o que lhe convem. « Aquelle « senso intimo do povo vem da rasão divina, e pro- « cede da synthese transcendente superior e inspirada « pelas grandes e eternas verdades, que se não de- « monstrão, porque se sentem » (Garret *Viagem na Minha Terra* tomo 2.° pag. 165). Que venha Pope, Byron, ou Thomaz Payne dizel-o melhor!

Vou atar o meu discurso. O povo intende, que não póde chegar, que não deve arruinar-se para chegar á charrua de luxo, e nós tambem o intendemos: para que lhe havemos então dizer, que não presta a que existe? para que havemos de exagerar defeitos, e depreciar a sua charrua, a nossa charrua?

O Sr. Auffdiener tentou dar-me lição de mechanica agrologica. — Não farei citações, para allegar com argumentos de auctoridade em materia de rasão, mas só para tornar mais frisante a demonstração, fazendo-a sahir da bocca mais competentes.

Os principios de mechanica — « nos farão despresar « instrumentos muito gabados, que definitivamente « produzem um *augmento insignificante de effeito*, que « não tem comparação com o *preço elevado* da sua « *construção complicada*, e embaraços, que trazem com- « sigo sempre os *aprendizados* (a difficuldade da ma- « nobra (Gasparin *Cours d'Agriculture*), tomo 3.° pag. « 102). Deve-se *alliviar o mais possivel* o peso da char- « rua, conservando-lhe a *solidez necessaria*. » (Idem pag. 184.)

Que mais quer o Sr. Auffdiener? não vê n'estas duas passagens, que os motivos de *recommendação* (repare bem) da nossa charrua são consequencias immediatas, rigorosas dos principios da mechanica agrologica? Quererá o Sr. Auffdiener, que lhe faça uma longa e estafadora dissertação sobre forças matrises, resistencias do terreno e do peso do instrumento, decomposição de forças, e por tanto parallelogrammo das forças, maximo do trabalho, etc. etc.? Não o farei, porque já vae longo este artigo, e porque já dei conta em logar e perante juizos competentes dos meus fracos conhecimentos em statica e dynamica, algebra e geometria analitica, e em physiologia humana e comparada.

Poderia se quizesse, fazer no artigo do Sr. Auffdiener farta colheita de omissões, de erros, de excentricidades, frioleiras, etc. mas não o farei e rematarei: « *A Charrua Portugueza* recommenda-se pela sua ba- « ratesa, facilidade de construcção e reparação, faci- « lidade de manobra, levesa, e porque (attenta as « compensações devidas) iguala em trabalho a mais « perfeita. » Foi isto o que eu disse e não me retracto.

Agora, se o Sr. Auffdiener quizer ordenar as suas ideas e não divagar, apresente qualquer ponto doutrinal de agrologia pratica, e pela minha resposta o publico avaliador julgará em primeira e ultima instancia, se é ou não competente este, que muito se presa dizer-se

Coimbra 29 de Março de 1851.

De V.

A. J. R. VIDAL.

DEPRECIAÇÃO DO OIRO.

(Continuado de pag. 331.)

338 Ainda que possa ser nociva, e com effeito o seja, a circumstancia da depreciação, considerando-se em relação ás suas naturaes consequencias, não haveria motivo para dar grande cuidado, se desgraçadamente os vicios do nosso systema monetario lhe não ajuntassem novas e mais graves complicações. E de facto o que succederia? A França veria depreciar-se em suas mãos, em certa medida, a quantidade de oiro que possue. Sempre seria para ella uma perda, mas uma perda leve, e de limitado alcance. As quantidades relativas de oiro e prata existentes na circulação ficariam, com pequena excepção, as mesmas, porque corresponderiam assás exactamente ás precisões, as quaes variam pouco. Não haveria pois em tudo isto, que receiar grave perturbação. Quanto á extensão da perda, poderia calcular-se de um modo mui approximado, e nada teria de espantosa. Supponhamos que a quantidade de oiro em circulação na França, no momento em que a baixa começou, fosse de 300 milhões, o que é muito: elevemol-a mesmo a 400 milhões: seria preciso que a depreciação fosse pelo menos de dois por cento, para montar a perda a 6 ou 8 milhões quando muito, que espalhada em todo o paiz seria apenas sensivel. Ora, a depreciação ainda não chega a dois por cento. Mas, com o systema inconsequente que temos, o mal não pára, como veremos.

O principal vicio deste systema consiste, segundo já dissemos, em se ter pertendido estabelecer legislativamente uma relação fixa onde não ha se não relações variaveis. Por isto pozeram a lei em contradicção flagrante com o facto commercial que a domina. Succede com effeito, qualquer dia, que um dos dois metaes não é reputado pela lei no seu valor real: o que resulta?.. Permitta-se-nos responder a esta questão com o extracto de um trabalho, publicado sobre o mesmo assumpto na *Revue des Deux-Mondes em* 1844.

Depois de ter explicado a inconsequencia do nosso systema monetario com desenvolvimentos mais amplos do que o podemos fazer agora, proseguiamos nestes termos:

« Quanto ás consequencias de um tal estado de coisas, é facil presentil-as. Aquelle dos dois metaes a que a lei monetaria não deu todo o seu valor, não podendo achar troca no paiz se não com desvantagem, tende naturalmente a sahir para ir procurar melhores condições no estrangeiro, ao passo que o outro vem afluir ao mercado pelas rasões contrarias. Forma-se sobre estes dois metaes uma especulação em certo modo duplicada. Exporta-se um e importa-se o outro. Por exemplo, no estado presente da legislação franceza, em que o oiro se reputa valor sómente $15\frac{1}{2}$ em prata, quando na realidade val $15\frac{3}{4}$, compra-se no mercado francez pela taxa marcada na lei, e vae ser empregado pelo seu valor real no estrangeiro. Depois de realisado este lucro, ainda se póde, por uma operação inversa, comprar lá fóra por uma libra de oiro $15\frac{3}{4}$ libras de prata, e trazendo esta somma á França fazel-a valer aqui por uma quantidade mais forte de

oiro. Todo o oiro se retira do mercado; a prata o substitue. O paiz perde a differença de que se aproveita o estrangeiro. »

Effectivamente é o que tem acontecido em França ha um grande numero de annos. O oiro que não era reputado pela lei no seu valor real retirava-se do paiz á medida que era cunhado, para ir procurar o seu justo preço no estrangeiro: não ficaram senão quantidades minimas. Em todas estas emigrações a França perdia a differença da troca, que multiplicada com o tempo não deixava de elevar-se a sommas mui fortes; e demais disso, o paiz era privado das vantagens que lhe procurava em os avultados pagamentos e nos transportes de numerario uma moeda de pouco peso. Hoje que o oiro baixa, se descer realmente abaixo do par, vae produzir-se o effeito contrario; á prata caberá sua vez de emigrar: o que deve esperar-se. Nova perda da troca que o paiz tem de soffrer, sem contar a perturbação que tal sahida deve acarretar. E desta vez, a perda não recahirá sómente sobre o oiro que possuimos, estender-se-ha á totalidade dos nossos valores monetarios. A final, o povo se verá privado das vantagens proprias da moeda de prata, e que não são para desprezar; porque se o oiro é preferivel quando se trata de grossos pagamentos ou de conducções, a prata o excede muito em commodidade para os usos ordinarios da vida.

Dissemos que o phenomeno que hoje se manifesta nada tem de novo, nem de imprevisto; o que se prova sufficientemente pelo extracto que precede. Resta-nos mostrar, que não é sem precedentes na nossa historia.

Em todo o tempo o legislador francez pertendeu estabelecer entre os valores do oiro e da prata uma relação fixa, calculada provavelmente sobre a relação commercial existente no momento em que a lei era promulgada. Mas, aconteceu quasi mudar essa relação commercial pouco depois; e a lei apenas sahia achava-se em desharmonia com os factos. Por isso, em todo o tempo, esta especie de mentira legal acarretou as mesmas consequencias. Eis alguns exemplos tomados do já citado trabalho.

« No principio do seculo passado, o financeiro Law, em sua memoria sobre as moedas, calculava que a relação commercial do oiro para a prata era de 15 e 49 centimos, ou de perto de $15\frac{1}{2}$ para 1, ao passo que a relação legal admittida para as moedas francezas só era de 15 e 24 centimos ou perto de $15\frac{1}{4}$ para 1. Deste modo, em quanto uma onça de oiro valia no mercado da Europa, e provavelmente nas relações commerciaes da propria França $15\frac{1}{2}$ onças de prata, a lei monetaria só lhe dava $15\frac{1}{4}$, attribuindo assim ao oiro um valor menor ou á prata um valor mais forte que o seu valor real. Por tanto, a relação legal estava então muito baixa. O que se passou pouco depois, é difficil dizel-o, porque em a nossa historia financeira ha bastantes lacunas; mas, parece que o valor do oiro abateu em pouco tempo de um modo sensivel; talvez em consequencia das operações do banco estabelecido pelo regente, pois que em 1726 julgaram conveniente alterar a relação legal, não para mais, ao contrario para menos. Fixaram-na nessa épocha em $14\frac{1}{2}$ por 1; e as coisas assim ficaram durante grande parte do seculo decimo oitavo. Sem duvida a relação commercial mudou muitas vezes, mas não se attendeu a essas variações; não se mediram as suas consequencias e a relação legal ficou tal qual estava: todavia em 1785 quando emprehendeu o ministerio Calonne a refundição das moedas, prestou-se-lhe mais alguma attenção. Consignou-se então a notavel desharmonia entre os regulamentos monetarios e o facto commercial, com toda a perda resultante, até no preambulo do proprio edicto regio. — « A attenção vigilante que prestamos (diz-se alli) a tudo que póde interessar a fortuna de nossos subditos e o bem do nosso estado, nos fez conhecer que o preço do oiro tem augmeutoad ha annos no commercio, que a proporção do marco de oiro para o marco de prata, tendo permanecido a mesma em o nosso reino, não é hoje relativa á que successivamente tem sido adoptado em outros paizes, e que as nossas moedas de oiro tem actualmente como metal um valor superior ao que a sua denominação exprime e segundo o qual as trocam contra as nossas moedas de prata; o que dá logar á especulação de se venderem ao estrangeiro, e appresenta ao mesmo tempo o engodo de um lucro consideravel aos que ousassem fundil-as em menoscabo de nossas ordenações. » — Alterou-se, por tanto, a antiga relação entre o oiro e a prata cunhados, e fixou-se a de $15\frac{1}{2}$ para 1. Diversas providencias se tomaram para que a mudança se effectuasse sem perturbação; retiraram-se as antigas peças de oiro da circulação; e fazendo-se d'antes de um marco de oiro só 30 luizes de 24 francos, passou-se a cunhar com a mesma materia 32 luizes, na conformidade do citado edicto regio de 30 de Outubro de 1785.

Esta relação de $15\frac{1}{2}$ para 1 era sem duvida exacta nessa épocha e perfeitamente em harmonia com o curso commercial dos dois metaes; mas não tinha de estar assim por muito tempo. Transponhamos todo o periodo revolucionario, em que a lei foi por muitas vezes retocada, e cheguemos ao anno XI que se estabeleceu a que ora rege. Uma extraordinaria inversão das coisas se operou nesse intervallo. Essa relação fixada com tanta precaução em 1785 achava-se inexacta, como era, de esperar; porém desta vez não era o valor do oiro que tinha subido, como poderia suppor-se: ao contrario tinha notavelmente descido, a tal ponto que este metal estava então por preço mais baixo do que no tempo de Law.

« Deste modo, apenas se adiantavam n'um sentido para seguir o movimento do commercio, teria sido necessario retroceder no sentido contrario; tanto é verdade que não ha a este respeito regra segura a estabelecer. »

A depreciação do oiro, que teve logar nesta ultima épocha parece inexplicavel á primeira vista, tanto que em nossos dias muitos economistas se esqueceram della ou não a reconheceram. E com tudo bem a certificam testimunhas dignas de todo o credito. Eis como se exprimia então M. Lebreton, relator da lei: — « O termo medio da relação do oiro para a prata na Europa é de 1 para $14\frac{1}{10}$ ou para 15 o maximo. É o termo medio para a França que se acha no centro do movimento dos metaes, que os recebe de Portugal e de Hespanha tanto para seu consumo como para o de parte do norte e do sul da Europa; é, dizemos, esse termo medio que deveria ser adoptado em o nosso systema monetario. » —

M. F. Corbaux, auctor de um *Diccionario de arbitrios de Cambio*, publicado nessa épocha, attesta o mesmo facto. Tendo indicado as relações legalmente estabelecidas nas diversas moedas da Europa, accrescenta que — « o valor venal e commercial desses metaes não passa actualmente de $14\frac{1}{10}$ para 1.

Na presença de factos tão decisivos será possivel sustentar qne ha alguma novidade no phenomeno que se manifesta? Não: pelo contrario, não ha coisa tão commum na historia como esta variação de valor relativo dos dois metaes, oiro e prata: accrescentemos mais que todas as veses que apparece, produz os mesmos resultados, caso mui commum á vista de um systema monetario como é o nosso; isto é, tem sido constantemente seguido da emigração daquelle dos dois metaes que a lei monetaria reputára por valor mais baixo.

Os factos não deixam de evidenciar esta ultima verdade. Antes da refundição de 1785, o oiro avaliado mui baixo pela lei monetaria, escoava-se para fóra do paiz, como certifica o já mencionado edicto da lei, o qual accrescenta: — « O prejuizo que dahi resulta para muitos ramos de commercio, pela diminuição das especies de oiro já sensivel no reino, tornou indispensavel ordenar-se o novo fabrico, como meio unico de remediar o mal, fazendo cessar sua origem. » — Mais tarde, quando a revolução tocava o seu termo, effectuou-se uma alteração mui notavel no valor dos dois metaes, e veio a prata por seu turno a ser reputada por um valor mais baixo do que o seu valor real, do que resultou que foi a prata o metal que tomou o caminho da emigração. Assim o confirma M. Lebreton em o seu relatorio, de que já démos um extracto, dizendo: — « como é o oiro o que está mais alto pela proporção estabelecida desde 1785, recolhem a prata, que é mais util na circulação, e nos enviam o oiro. Este vicio, combinado pelas trocas, deve causar uma perda ao commercio geral. » — Estas palavras parece serem escriptas para a situação presente. Ora tendo occorrido depois nova alteração, e sendo estas mutações continuas, forma-se idéa da extenção das perdas que tem causado ao paiz. — Não ha por tanto, coisa nova nestas materias; cumpre, porém, que saibamos aproveitar as licções do passado.

[Continúa.]

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

V

Genova á noite.

(Continuado de pag. 336.)

339 A historia do theatro *Carlo-Felice* não leva muito tempo a contar, porque a sua construcção é de data bastante recente. Nem remonta ás eras gloriosas da republica, nem aos dias asiagos do dominio austriaco.

O *ceci tuera cela* de Victor Hugo, tem admiravel applicação aos acontecimentos que pouco e pouco transformam o mundo antigo. Este theatro nasceu das ruinas da antiga egreja e convento de S. Domingos. O apostolo da inquisição soffreu, n'um paiz apparentemente religioso e catholico, a singular affronta de se vêr substituido por um monumento profano, e que por tantos seculos soffreu as iras implacaveis de padres e clerigos.

Em 19 de Março de 1826 foi posta a primeira pedra. Em 7 d'Abril de 1828 abriu-se ao publico, cantando-se a *Bianca* e *Fernando* de Vicente Bellini, e um hymno dedicado ao soberano, pelo já celebre *maestro* Caetano Donizetti.

Um espaçoso vestibulo adornado de duas ordens de columnas nos conduz á platéa, que tem capacidade para conter tres mil pessoas, pouco mais ou menos, com cinco ordens de camarotes, além da galeria *(loggione)*.

O theatro deve ser pouco inferior em grandeza ao da Scala de Milão. Os ornatos e decorações são opulentos, e o palco é de véras sumptuoso. Os corredores são largos, e o tecto de uma extraordinaria elevação. É inutil declarar que é todo construido de marmore magnifico.

A primeira impressão desagradavel que se experimenta, é a da escuridão. Apesar da cidade ser illuminada a gaz, as damas, ao que me disseram, oppõem-se a que se applique este melhoramento ao theatro. Apraz-lhe, acho eu, viver na intimidade e gosar da musica sem gastarem tempo em grandes preparos de *toilette*.

Pois deviam-no exigir! Raras vezes temos visto concentradas e reunidas tantas phisionomias, não digo só bellas, mas mais do que bellas, distinctas. Perfis de uma regularidade appetitosa, pallidos, mas dessa pallidez transparente, e mimosa, que deixa perceber o azul das veias, e todas as fugitivas impressões de uma organisação nervosa e delicada.

Aqui se reconhecem as vantagens do *cavaliere sirvente*. Appresentámos o lado immoral, cumpre-nos fazer realçar o seu lado util se o póde ter. O *cavaliere sirvente* salva a aristocracia da degeneração physica. Crusa o sangue plebeu, rico de generosa seiva, e purificado pelo trabalho, com o sangue empobrecido, e fatigado dessas existencias inertes, e morbidas, que se consomem na ociosidade, e nos praseres de uma vida sedentaria. As raças, como o Anteu da mythologia, tomam

forças da terra, que é a sua mãi. Por aqui se explica como a aristocracia ingleza é até, physicamente, superior ao povo: não depende só da esmerada educação, que os robustece, mas da ascenção lenta, e successiva das classes inferiores. Quem era Canning? O filho d'uma actriz devassa. Quem era Robert Peel? O filho d'um industrial intelligente. Brougham, Lindhurst, todos aquelles que o talento aponta á admiração publica, breve se confundem com a classe dominadora: de modo que ha raras familias cuja ascendencia date de dois ou tres seculos, e todavia a aristocracia ingleza é a mais respeitavel, a mais omnipotente, a mais illustrada, que existe sobre a terra: é talvez mesmo a unica que mereça esse nome: que as outras são rotulos illustres, que servem apenas para compôr o estado-maior esteril de monarchias cadavericas e moribundas.

Silencio! Lá se levanta o panno, e vou pela primeira vez ouvir em scena, na declamação, os harmoniosos sons da lingua italiana.

Sem querer fazer agora um juizo critico ao drama de Lamartine, pareceu-me excentrico que elle elevasse ao nivel de *Toussaint-Louverture*, todos os personagens secundarios do seu drama.

O que me maravilhou sobre tudo, e mais do que a composição do auctor das *Meditações*, e do *Jocelin*, foi o enthusiasmo provocado por alguns daquelles trechos: a vitalidade politica que aquillo annunciava; o aspecto fero dos militares, retorcendo o bigode, quando o povo se erguia dos bancos, á palavra — *Liberté!* — proferida com energia e convicção pelo actor encarregado do principal papel.

Eis-aqui o que é a gloria, eis ainda o que póde seduzir a imaginação d'um homem e fazel-o representar com coragem e contricção, na comedia da vida! N'um paiz estrangeiro, Lamartine é saudado por uma população inteira, as suas palavras são recebidas entre rugidos freneticos, o seu nome conservado na memoria com respeito religioso! Assim val a pena, empallidecer em noites duramente veladas, vêr no rosto cavadas as rugas da meditação, escrever com o sangue do coração as tremendas catastrophes da vida, que no fim luz um raio de gloria que vos aquece a cabeça calva e despovoada, que vos allumia o rosto desencantado e triste... Em Portugal, se quereis um conselho, fazei-vos agiota: é um mister infame, mas podeis affogar o remorso com Bordeaux, Champagne, Rheno, Madeira, Xerez e Malaga. E se enriquecerdes, certifico-vos que podem reconhecer-vos a firma commercial, e *lui faire honneur*, como dizem os francezes. A vossa firma litteraria, essa, custa-lhe a ser acreditada, mesmo nos mais illustrados circulos da vossa terra.

Fui collocar-me convenientemente para vêr passar as damas. Mostraram-me então duas das *lyonnes* genovesas —: *la signora* N*** e *la signora* L***, que fumam, jogam o bilhar, vão ás mais vertiginosas corridas em fogosos cavallos, e mantem-se dentro do genero, com uma inqualificavel boa fé.

Apesar do socialismo, faço esta declaração, *toto ore*. Abomino que a mulher seja escrava: quero-a emancipada pela intelligencia e pelo coração; detesto ao mesmo tempo essas creaturas indecisas, de um sexo moral positivamente *neutro*, que querem resuscitar Sparta, e despresam parte dos sublimes attributos da sua organisação, e da sua natureza.

Que os Hercules fiem aos pés das rainhas Omphales, admitto: que ellas saibam vencer e domesticar as mais rudes vontades, os mais energicos caractéres, tudo isso nem me parece extraordinario, nem deixo de o considerar poetico.

Mas a mulher que se faz egual do homem, que atira á pistola, que joga o florete, que adormece com os loiros ou os negros cabellos sobre a mesa de uma orgia, conservando nas mãos estrangulado o gargalo de uma garrafa, perde essa immensa superioridade, que a torna respeitavel e sagrada aos olhos de um homem.

Depois, quando os seus bellos olhos quizerem mandar, já ninguem lhe obedece. Realeza desthronada, accende talvez n'um coração ingenuo e puro a chamma devoradora de uma paixão phrenetica, mas está perdida para essa adoração poetica, para esses extasis divinos, que são o mais delicioso apanagio da nossa natureza debil, e mortal.

E o typo mesmo da *lyonne* perde muito, transplantado para um paiz estrangeiro. *La Primarion*, e a Duqueza de *Marcillac*, dos romances de F. Soulié, não se comprehendem, não se cultivam bem senão naquella atmosphera tumultuosa e desordenada de Paris.

As cidades pequenas vêem tudo, vêem de mais. Sabem quantos beijos seccaram os labios frescos e humidos de uma donzella: descobrem no bilioso da tez, nas manchas azuladas que lhe circundam os olhos avidos e languidos, o segredo das paixões, e o rasto das lagrimas de agonia ou de

praser, que lhe regaram o travesseiro n'uma noite de sonhos tumultuosos ou de *criminal conversation*, como pudicamente exprimem os inglezes.

E que importa? Val a pena guardar o thesouro das suas illusões, para os despender n'uma hora, e cahir no fim, no abismo da saciedade, decrepito e ao mesmo tempo abrasado de desejos, com as faces cadavericas, e o coração desfolhado de esperanças?

Pois não! que as rolhas de Champagne estoirem, que os cigarros havanos se desfação em nuvens voluptuosas e odoriferas, que o chicote impaciente fustigue as ancas do cavallo, que a doidice nervosa dos amores faceis, nos conserve anciosos e acordados. A poesia está morta, porque já ninguem crê. Vive-se pelas inspirações do momento: eis a tremenda conclusão desta civilisação materialista e bastarda.

Leitor, perdoa, eu sou, bem me conheço, um seccante massador. O que existe tem uma rasão de existir, e é uma mania deploravel o querer affinar tudo exactamente como uma orquestra de Musard ou de Tobeckque. Este seculo tem muitos *contras*: tem tambem uma quantidade grande de *prós*. Se elle não tem fé, se possue maior estomago do que coração, se vive nas delicias da terra, e não quer lembrar-se das ideaes venturas do céu, é que tudo assim devia de acontecer, e estava marcado no livro mysterioso dos destinos humanos.

Por isso, como findou o espetaculo, procure-se como se pou[illegible] o *Hotel Feder*, toque-se a campainha para tomar algumas chavenas de caffé, e fumar charutos, leia-se por exemplo algumas paginas *De la décadence de l'Angleterre*, de Ledru-Rollin, que se comprou n'um livreiro, apague-se a luz, e entre-se no somno, que é a imagem da morte, quando nos não apoquentão sonhos importunos, ou pesadellos incommodos.

VI.

Os monumentos de Genova.

Uma vez por todas, e a proposito de todas as coisas de que houvermos de tratar, faça-se a reflexão de que isto não é um tratado de critica, um compendio de esthetica, uma serie de estudos artisticos, feitos de luneta no olho, e de pitada nos dedos, mas as impressões fugitivas de um espirito despreoccupado, que vê tudo de corrida, porque o tempo não lhe sobra, e que não acredita, de mais a mais, nas admirações calculadas desse charlatães da arte, que fingem chorar horas inteiras diante do nariz de uma *madona*, ou dos louros anneis de um mimoso *bambino*.

Esta não é uma região inexplorada, é um paiz velho e antigo, e por isso mesmo inexgotavel para a analyse, e sempre fecundo para o pensamento. Que outros fação uma estatistica dos monumentos, contem o numero das estatuas, estendão em largas columnas os nomes dos pintores, misturem indifferentemente os termos technicos, para explicarem *nuances*, que elles só comprehendem: o que eu vou escrever são apenas esses traços vagos e duvidosos, que um *amateur* atira velozmente para as paginas de um *Album*.

Direi sempre, e é uma verdade de simples intuição: existe mais novidade n'um objecto antigo, visto debaixo de um aspecto novo, do que n'um objecto inteiramente desconhecido. Para a imaginação val mais o Tibre, cujas ondas por tantos seculos conduziram comsigo a historia do mundo, do que o Nilo immenso e magestoso, que alimenta com os seus limos e escorias, a producção agricola do Egypto.

Não me demoro mais nesta explicação. Quem a não entender, salte com os olhos esta pagina e mande-me ao diabo, que lhe não levo nada por isso.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

MELANCHOLIA.

Já não sou quem ser sohia,
Os dias passo chorando,
As noites mal as dormia.
BERNARDIM RIBEIRO.

340 Quem tiver tristezas d'alma,
Quem tiver sentidos prantos,
Venha juntar-se commigo,
Venha ouvir meus tristes cantos.

Fugiremos deste mundo
D'illusões e de vaidades,
E dos homens, bem distante,
Choraremos as maldades.

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te commigo,
Vem ser minha companhia.

*

Dos homens longe. . . bem longe.
Nos homens nós pensaremos;
Seus odios traições e raivas
Ambos juntos choraremos.

Em cêrros alcantilados
Troará canto sentido,
Pelas fragas escutado,
Pelos eccos repetido.

Se no mundo entre folguedos
Geme accaso um desgraçado,
É de meus cantos amigo,
Amigo d'um malfadado.

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te commigo,
Vem ser minha companhia.

*

Mas ninguem meus cantos ouve;
Sou eu só da natureza,
Talvez unico que a morte
Nem assuste, nem me pesa.

Horas bem aventuradas
De socego e f'licidade,
Já lá vão de mim distantes,
Resta-me só a saudade.

A saudade, e vem com ella,
Suave melancholia,
Minha irmã mui verdadeira,
Minha terna companhia.

*

Solidão, meu bem supremo,
Solidão, vida dest'alma,
Se me foges, se me deixas,
Minha dôr já não acalma.

Quem me déra que estes cantos
Cá na solidão nascidos,
Por um coração ao menos
Podessem ser entendidos.

Mas nem isso, nem um peito,
Que intenda meu sentimento,
Que minhas trovas conceba
Que dê pêso ao meu lamento.

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te commigo,
Vem ser minha companhia.

*

Só no mundo com meus males,
Entre espinhos desta vida,
A minh'alma vae cançada,
Minha mente vae perdida.

Nestes cêrros, entre brenhas
De tristezas repassadas,
Minhas queixas são ouvidas,
Mas não são remediadas.

Onde posso eu lamentar-me?
Onde achar posso um abrigo?
No peito d'um desgraçado
De meus cantos bem amigo.

Escutarei seus conselhos,
E nos braços da amizade,
Quebrarei desta vez inda
Minha pungente saudade.

*

Companheira de minh'alma,
Suave melancholia,
Vem entreter-te commigo,
Vem ser minha companhia!

* * *

SAUDADES.

Tempos de paz e de gosto?
De vós que resta?... a saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a edade.

A. CASTILHO.

341 Gentil mimosa saudade,
Linda flor da soledade,
Que nasces na humildade
Que vives sem presumpção,
Gosto de ti. És honesta,
Não brilhas por entre a festa,
Mas vens á hora da sesta
Alegrar-me o coração.

És roxa; côr da tristeza.
Campêas na singeleza,
Até nisso tens belleza,
Tens condão de m'encantar!
Se cresces ao pé da rosa,
Chamam-lhe a ella formosa,
Mas não fiques desgostosa
No meu peito tens altar.

Cresces sosinha no monte,
E sorrindo alças a fronte
Em busca d'um horisonte
Que queira fallar d'amor.
Meiga saudade eu te sigo;
Irás no peito commigo,
Irei conversar comtigo
Nos campos entre o verdor.

Ainda que então te cales,
Embora tu me não falles,
Entenderei os teus males,
Linda flôr da solidão.
Se vives abandonada,
Se passas desconsolada,
Sou pobre... não tenho nada
Mais que um pobre coração.

É pouco qu'eu bem n'o vejo.
Mas d'entre as flores te elejo,
Bem vês tu que o meu desejo
Era dar-te tudo a ti.
Mas a vida vae-me infesta.
Dos tempos d'antiga festa
Dar-te hei o que inda resta,
Dos dias em que vivi!

Á beira do mar sentado,
Quando s'ergue encapelado,
Como um lião esfaimado
Pelos antros a rugir:
Ás tempestades affeito,
Sinto só dentro do peito,
Das tristezas o effeito,
Das saudades o carpir.

D'um monte sentado á falda,
Quando o sol nascendo escalda
As campinas d'esmeralda,
Onde nasce o malmequer:
Não gosto de vel-o altivo;
Antes triste e pensativo,
Como um monarcha captivo
Nos braços d'uma mulher.

Tenho saudades da lua,
Que retrata a face nua,
Que espelha a figura sua
Nas aguas azues do mar.
Cercada de mil estrellas
Formosas, gentis e bellas,
A lua mesmo ao pé d'ellas,
Tem brilho de luz sem par.

Se alegre passo n'um dia,
Outro vem em que á porfia,
Invejo a melancholia
Do dia que já lá vae.
Trago a saudade presente,
Como a creança innocente
No peito constantemente
Traz a memoria do pae!

Da ventura que já tive,
Só a lembrança me vive,
Só a saudade revive
Como nos tempos d'então.
Mas por ella ind'alegria
Me vem fazer companhia,
Me vem, ao menos um dia,
Saudar-me na solidão.

Quando á noite me adormeço,
Tudo o que é bom apeteço,
Até nem sequer m'esqueço
Da minha infancia feliz:
Todas as noites sonhava,
Que pelo céu eu vagava
N'uma nuvem prateada
De variado matiz.

Gentil mimosa saudade,
Linda flôr da soledade,
Que nasces na humildade
Que vives sem prosumpção.
Gosto de ti. És honesta,
Não brilhas por entre a festa,
Mas vens á hora da sesta
Alegrar-me a coração!

* * *

A LITTERATURA.

XII

(Continuado de pag. 347.)

342 O Sr. A. Herculano, em uma nota ao interessante artigo 1.º « Apontamentos para a histo-

ria dos bens da Corôa e dos foraes » allude ao juizo critico, que o illustre Cardeal Saraiva faz no seu « Glossario » sobre as expressões *baixo clero*, e *alto clero*, e a esse proposito observa que a clareza importa um pouco mais que os primores e pontualidades da lingua em pontos historicos.

É sabido que no « Glossario » se qualifica a expressão *baixo clero* de tão alheia e impropria da nossa lingua, como indigna de ser adoptada em qualquer idioma polido, e em vez de *baixo clero* e *alto clero*, se opina que se diga: *os bispos e o clero*, ou *a ordem episcopal e a clerezia* — *os pastores da primeira ordem*, *os pastores da segunda ordem*, ou como se explica Gerson: *Os prelados maiores, e os prelados menores.*

Com referencia a este juizo critico é que o Sr. A. Herculano, considerando as expressões *alto clero* e *baixo clero* como metaforicas, entende que não podem ser consideradas como privativas antes de uma nação do que de outra; e sustenta a indispensabilidade do seu uso na lingua portugueza, com o fundamento de que a distincção social completa que havia entre clero e clero na idade media, por nenhumas palavras se exprime com mais clareza do que por aquella.

Aqui apparece pois a necessidade de averiguar se por vezes convirá sacrificar o rigor linguistico á exactidão historica, e até ás exigencias scientificas.

Ha quem pense, e desta opinião é formalmente o Sr. A. Herculano, que é possivel conduzir prudentemente, para que não desfeche em anarchia, a transformação operada na nossa lingua pela invasão das idéas, e livros francezes, mas que será vão empenho tentar destruil-a.

Porque? Porque para destruir essa transformação, só ha um meio, e é o de destruir a influencia da acção intellectual da França em Portugal, o que é impossivel. « Como actúa, per« gunta o Sr. A. Herculano, a lingua franceza « em a nossa? — Unicamente pela imprensa, pe« los livros; mas cada livro é como um indivi« duo daquella nação que vem fallar no meio de « nós; individuo por via de regra mais civilisa« do, mais rico de idéas, ou pelo menos de idéas « mais bem ordenadas, que os que o escutam. « Reflectidas em nossa alma essas idéas, a que « muitas vezes não é facil achar a formula nacio« nal que as represente como as concebemos, até « porque haverá casos em que tal formula não « exista, exprimimo-las involuntariamente com « a phrase peregrina. Então aquellas idéas, par« tindo de sujeitos superiores em civilisação e « cultura de espirito, vasadas no molde estran« geiro, derramam-se entre o povo, e passados « poucos annos vamos encontra-las trajando já o « burel popular no mercado, na taberna, e até « nos logares que mais resistem ás innovações de « todo o genero, nas povoações ruraes. »

Depois da lingua franceza, as linguas modernas que sobre a nossa teem tido alguma influencia são a italiana e a ingleza; mas essa influencia não alterou a indole da portugueza, e tem sido vantajosa, porque nos ha subministrado muitos vocabulos no dominio das Bellas-Artes, Commercio, Politica e Industria.

J. S. RIBEIRO

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

1 a 31 de Março.

DIARIO N.° 52.

343 Portaria regulamentar para a entrada dos doentes nas enfermarias do Hospital de S. José.

DITO N.° 55.

Mappa do movimento do deposito dos vinhos, geropigas, e agua-ardente armazenados no Porto e Villa Nova de Gaia, no mez de Dezembro de 1850.

DITO N.° 56.

Um egual mappa ao de cima, pelo que respeita ao mez de Janeiro de 1851.

DITO N.° 58.

Resumo do activo e passivo do Banco de Portugal em 28 de Fevereiro de 1851.

DITO N.° 59.

Resumo do activo e passivo do Banco Commercial do Porto, em 28 de Fevereiro de 1851.

DITO N.° 60.

Mappa do numero de barcos vindos de Hispanha pelo Doiro, com a designação dos objectos que trouxeram, desde que se poz em vigor o Regulamento de 23 de Maio de 1840 até ao fim do anno de 1849.

DITO N.° 70.

Regulamento para a execução da Carta de Lei de 28 de Fevereiro de 1851.

Portaria regulamentar ácerca das officinas da Repartição de Papel Sellado.

THEATRO DE S. CARLOS.

A arte entre nós. — A *Favorita*. — Madame Stoltz. — O Sr. Portehaut. — O Sr. Musich não é o que se pensava. — Anarchia da orquestra. — Passo hispanhol.

344 As novidades artisticas são sempre bem vindas em Lisboa, onde os espectaculos publicos são pouquissimos, e esses mesmos que ha hibernam a maior parte do anno, sem poderem sequer distrair os indulgentes espectadores, que, mais por habito do que por gosto, os frequentam. A decadencia da arte nestes ultimos annos tem sido rapida entre nós. Não era grande a altura a que tinhamos subido, começava-se apenas a formar o gosto publico, mas começava-se, e a simpathia do publico, os bons dezejos dos artistas, essa vida nova com que uma mudança nas formas politicas animou o paiz inteiro, tudo prometia progresso, desenvolvimento, aperfeiçoamento para as artes, e civilisação para a sociedade, quando essa má lazeira, que deu em tudo que é portuguez, veio em pouco tempo pôr-nos quasi no estado em que nos achavamos ha vinte annos.

Citaremos para exemplo esse pobre theatro chamado *normal*, a que a nação dá um subsidio para fomentar a arte, e crear artistas. Ahi está elle como todos o vemos, a viver de farças chocarreiras e de máo gosto, de melodramas absurdos, e de operas-comicas executadas por gente que não sabe cantar. E tudo mais vae assim, porque n'uma nação todas as coisas tem entre si relações taes, que a decadencia de umas traz como necessaria consequencia a decadencia de todas.

Estes ultimos vinte annos, porém, apesar do desalento geral, da incuria e desleixo de quem devêra cuidar das coisas da arte, da ignorancia e má vontade de algumas das pessoas officialmente encarregadas de dirigir os theatros e as academias, estes ultimos vinte annos, repetimos, não tem passado em vão. O gosto publico não está talvez tão delicado quanto o podéra estar, com tudo é innegavel que hoje frequenta os theatros, e sobre tudo o theatro lyrico, grande numero de pessoas que apreciam devidamente a arte e os artistas. Para estes, sobre tudo, foi a *Favorita* bem vinda, depois da longa serie de espectaculos pouco brilhantes, que se tem dado em S. Carlos.

A *Favorita* uma das mais dramaticas, se não a mais dramatica das operas de *Donizetti*, era esperada com impaciencia pelo publico, que conhecedor já das bellesas musicaes que a enriquecem, desejava vel-a desempenhada por Madame Stoltz, a celebre artista para quem fôra escripta esta bella composição do illustre maestro. Subiu finalmente á scena, e o publico provou com o seu enthusiasmo, que as suas esperanças estavam cabalmente satisfeitas. A *Favorita* foi recebida com os mais vivos applausos; e Madame Stoltz teve um novo triumpho.

Madame Stoltz é na *Favorita* uma admiravel actriz. Não ha paixão violenta, não ha sentimento por mais elevado ou suave que seja que os gestos, a sua phisionomia, a sua voz não saibam exprimir com admiravel talento. No 4.º acto sobre tudo, a distincta actriz é sublime: aquella agonia lenta e dolorosa, aquella lucta entre o amor e a morte, causa pavor; não é possivel ouvir aquelle gemido suffocado, que Leonora solta dos labios ao cahir morta aos pés do seu amante, sem estremecer.

Na aria do 3.º acto, no andante do dueto final, Madame Stoltz canta com a delicadeza e perfeição que todos lhe admirámos na *Semiramis* e na *Italiana*: no resto da *Favorita* a distincta cantora mostra sempre o seu raro talento e saber.

O Sr. Portchaut alcançou tambem na *Favorita* um verdadeiro triumpho. A voz do Sr. Portchaut não é, nem bastante cheia nem bastante egual, para só por si, attrahir a simpathia do publico; porém dirigida por elle com arte não vulgar, modificada, suavisada pelo estudo torna-se um *orgão* capaz de exprimir todas as bellezas musicaes que *Donizetti* derramou com profusão na sua *opera*. Raras vezes temos ouvido cantar em S. Carlos com tanta perfeição, como o Sr. Portchaut cantou na *Favorita* a parte do baritono.

O Sr. Musich, que nós, que todos julgavam pouco em estado de cantar a parte difficil do tenor nesta *opera*, foi muito differente do que se pensava. O final do 3.º acto, e a *romanza* do ultimo acto, cantou-as de modo que mereceu ser applaudido; e no resto da *opera* foi muito melhor do que se podia esperar de um actor, cuja voz está já deteriorada, e não corresponde sempre á arte com que elle busca occultar-lhe as asperezas e os defeitos.

Por ultimo, devemos fazer uma censura, e uma censura severa á orquestra, pelos innumeros defeitos com que tocou, tanto na primeira como na segunda representação da *Favorita*, faltando ao compasso, entrando fóra de tempo, desafinando ás vezes, e sobre tudo querendo com o acompanhamento dominar o canto em vez de o seguir, o que é um erro imperdoavel. Temos sido, nós e o publico, indulgentes até hoje com a orquestra de S. Carlos, mas a indulgencia tem limites; e é preciso que os defeitos se corrijam, para que se não perca de todo o bom nome, que n'outros tempos teve a orquestra do theatro lyrico de Lisboa.

Quanto aos bailados — pede a justiça, que façamos muito especial menção do *passo hispanhol*, dançado com muita firmeza e graça pela Sr.ª Monticelli, que dançando sempre bem, nesta parte se tem havido com muito primor, e tem sido bem apreciada pelo publico.

* *

BIBLIOGRAPHIA.

345 REVISTA DOS AÇORES. — É um novo jornal litterario publicado em Ponta Delgada. O seu plano é bom e começa a ser bem desempenhado. Recebemos os seis primeiros numeros.

MISCELANIA POETICA. — É este o titulo de um novo jornal poetico publicado no Porto. É semanal, estão publicados cinco numeros. Recebem-se assignaturas em Lisboa na rua Augusta n.º 8. Por anno 52 numeros 800 réis. Semestre 480, pagos á entrega do primeiro numero. Avulso 40 reis.